

AVALIAÇÃO DE RESILIÊNCIA EM MOTORISTAS DE ÔNIBUS

Marina Tiemi Kobiyama Sonohara¹; Alex Eduardo Gallo²

RESUMO: Considerando o estudo da resiliência a partir do processo do desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo adulto e pressupondo-se que a resiliência é a capacidade humana de enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade, como motoristas de ônibus escolares lidam com estas adversidades, que contribuições trazem para a sua saúde mental e sua realização profissional? Desta forma, esta pesquisa objetivou analisar o processo de desenvolvimento do adulto, visando caracterizar as condições sócio-ambientais deste desenvolvimento e suas implicações e identificar os fatores que ajudam a construir a resiliência em seu desenvolvimento. Os participantes desta pesquisa foram motoristas de ônibus escolar com idades entre vinte e dois a cinquenta e um anos, do sexo masculino, compreendendo um total de treze participantes, que prestam serviços a estudantes universitários de uma instituição de ensino superior. Para coleta de dados foram utilizados instrumentos como a entrevista por pauta e aplicação do Questionário do índice de resiliência: Adultos Reivich – Shatté/Barbosa. Com base nos dados coletados, os sujeitos entrevistados tiveram uma infância e adolescência considerada boa e neste período já trabalhavam para ajudar no orçamento familiar. Consideram a vida adulta boa, têm uma interação familiar harmoniosa e possuem filhos pequenos. Em sua maioria o casal trabalha para o sustento da família. As situações marcantes vividas foram superadas adaptando-se positivamente durante as diferentes fases do desenvolvimento. Bom humor, criatividade, otimismo, controle das emoções, controle dos impulsos, capacidade de se relacionar, são alguns dos fatores que promovem a construção da resiliência.

PALAVRAS-CHAVE: Resiliência, adversidade, desenvolvimento humano.

INTRODUÇÃO

A resiliência é a capacidade humana de enfrentar, vencer e sair fortalecido ou transformado por experiências de adversidade vividas durante a sua fase de desenvolvimento infantil, adolescência e adulta.

Tavares relata que a pessoa resiliente é aquela que consegue ampliar seus horizontes e caminhar com autonomia:

Resiliência é a capacidade de responder de forma mais consciente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante desses desafios e circunstâncias desfavoráveis, tendo uma atitude otimista, positiva e perseverante e mantendo um equilíbrio dinâmico durante e após o embate - uma característica da personalidade que ativada e desenvolvida possibilita ao sujeito de superar-se às pressões de seu mundo, desenvolver um autoconceito realista, autoconfiança e um senso de autoproteção que não desconsidera a abertura ao novo, à mudança e à realidade subjacente (TAVARES, 2001, p. 35).

Luthar, Cicheti e Becker (2000) citado por Infante (2005) relata que a resiliência é um processo dinâmico que tem como resultado a adaptação positiva em contextos de

¹ Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Maringá – Cesumar, Maringá – Paraná. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq-Cesumar). marina_sonohara@yahoo.com.br

² Orientador e Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Maringá – Cesumar. aedgallo@yahoo.com.br

grande adversidade. O termo adversidade pode designar uma constelação de muitos fatores de risco como viver na pobreza ou uma situação de vida específica como a morte de uma familiar. A consequência desta adaptação positiva ou superação da adversidade pode ser considerada quando o indivíduo alcançou expectativas sociais associadas a uma etapa de seu desenvolvimento (em função da interação dinâmica entre múltiplos fatores de risco e de resiliência, que podem ser familiares, bioquímicos, fisiológicos, cognitivos, afetivos, biográficos, socioeconômicos, sociais e/ou culturais), ou quando não houve sinais de desajustes)

A cada dia, segundo Grotberg (2005) as pessoas consideram a resiliência um aporte à promoção e à manutenção da saúde mental. É um processo que excede o simples superar essas experiências, já que permite sair fortalecido por elas, o que necessariamente afeta a saúde mental. A autora complementa ainda com os dizeres de Hiew (2000) de que a resiliência diminui a intensidade do estresse e sinais emocionais negativos, como ansiedade, depressão ou raiva, ao mesmo tempo que aumenta a curiosidade e a saúde emocional. Partindo deste pressuposto, como motoristas de ônibus escolares lidam com estas adversidades, que contribuições trazem para a sua saúde mental e sua realização profissional?

Desta forma, esta pesquisa objetivou analisar o processo de desenvolvimento do adulto, visando caracterizar as condições sócio-ambientais deste desenvolvimento e suas implicações e identificar os fatores que ajudam a construir a resiliência em seu desenvolvimento

2 MATERIAL E MÉTODOS

Esta proposta consiste em uma pesquisa do tipo qualitativa e descritiva, visando à compreensão e interpretação dos fatos e informações a serem levantadas em um estudo de campo. A análise se sustentará no referencial sócio-histórico e dentro das teorias do desenvolvimento.

Os participantes desta pesquisa são motoristas de ônibus escolar com idades entre trinta a sessenta anos, de ambos os sexos, compreendendo um total de treze participantes que prestam serviços a estudantes universitários de uma instituição de ensino superior.

O material utilizado como instrumento de observação para obtenção de dados será a entrevista por pautas e Questionário do Índice de Resiliência: Adultos - Reivich - Shatté/Barbosa. Esta entrevista apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador via explorando ao longo de seu curso. As pautas devem ser ordenadas e guardar certa relação entre si. O entrevistador faz poucas perguntas diretas e deixa o entrevistado falar livremente à medida que refere às pautas assinaladas. O questionário avalia os fatores de resiliência como administração das emoções; controle dos impulsos; otimismo com a vida; análise do ambiente; empatia; auto-eficácia e alcançar pessoas. Neste questionário não foi realizado o cálculo do quociente de resiliência e sim, utilizado apenas com o objetivo de verificar a frequência de respostas indicadoras de resiliência.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento dos dados coletados refere-se da participação de 13 motoristas de ônibus. Dos 28 motoristas abordados que permaneceram próximo de seus veículos na maior parte do tempo, apenas 13 consentiram em participar desta pesquisa. Outros motoristas se encontravam em estabelecimentos próximos da IES distraído-se com

entretenimento e outros estacionavam depois das 22:00h aproximadamente porque esperavam estudantes de outros estabelecimentos. A faixa etária dos sujeitos observados foi de 22 a 51 anos, com idade média de 34,15 anos; a religião predominante foi a católica com 69%; a escolaridade que mais se destacou foram o ensino fundamental e o ensino médio completo com 31% respectivamente; 10 pessoas estão casadas, 2 estão solteiros e 1 separado. A constituição familiar predominante é de pais e filhos com idades de até 5 anos.

Mais da metade dos sujeitos entrevistados classificaram a infância e a adolescência como bom, normal e com trabalho precoce para ajudar no orçamento familiar. Já a idade adulta, a consideram em sua maioria como bom e normal, como podemos descrever:

“Comecei a trabalhar desde os doze anos de idade, ajudando a família toda a vida. Agora ta bom (vida adulta) com a segunda pessoa que conheci agora, minha namorada” (42 anos, sexo masculino).

Werner e Johnson (1999) citado por Infante (2005) relata que se o ambiente, a família e a comunidade seguem apoiando o desenvolvimento da criança e promovendo os recursos necessários para superar a adversidade, existe assim, alta probabilidade de que o sujeito continue se adaptando positivamente no decorrer do desenvolvimento. Através da fala dos sujeitos percebe-se que as situações marcantes vividas como a morte na família, doenças, dificuldades financeiras, intrigas, separação e carência afetiva, foram se adaptando positivamente, durante as diferentes fases do desenvolvimento.

A resiliência é mais do que um modo de dar uma cara boa ao mau tempo segundo Rodriguez (2005), é também um recurso criativo que permite encontrar respostas novas para situações que parecem não ter saída, e este elemento de novidade mostra a ligação ente a resiliência e o senso de humor. O valor do humor como poderoso recurso simbólico, mantenedor do laço social e das identificações coletivas, dá a ele um lugar merecido como elemento de resistência subjetiva à adversidade. Através das falas dos sujeitos percebe-se que eles conseguem com disposição de espírito lidar com as adversidades:



Tabela nº1: Como lida com as adversidades

O relacionamento familiar segundo os sujeitos entrevistados é classificado como bom e sem conflitos. Como diz Ravazzola (2005), as famílias precisam exercitar funções de cuidado e preservação, na qual seus integrantes sejam capazes de escutar posições diferentes, de não se apegar a lugares de superioridade e se permitirem a questionamentos e críticas. Para que estas relações possam construir estados de bem-estar é necessário um conjunto de crenças e narrativas compartilhadas, que promovam sentimentos de coerência, colaboração, eficácia e confiança, essenciais para a superação

e o domínio dos problemas. Estes sentimentos não devem acontecer só no ambiente familiar, mas sim, estender-se aos relacionamentos interpessoais, como podemos constatar quando perguntado sobre a qualidade do relacionamento com os amigos, na qual é classificado como bom. Dentre as atividades compartilhadas com seus familiares e amigos destacam-se: churrasco, reuniões em casa, bate-papo, jogar bola, tomar cerveja, festas, tomar sorvete, dançar. Atividades estas que auxiliam no bem estar e na saúde mental do trabalhador.

Na vida profissional, 54% dos entrevistados são autônomos e 46% são empregados. Quanto ao tempo de serviço: no período de 2 a 3 anos 68%; 15 anos 16%; 7 anos 8% e 6 meses 8%. Na rotina de trabalho, apenas 8% dos participantes fazem 3 turnos (manhã, tarde e noite); 38% fazem 2 turnos (manhã e noite) e 54% fazem apenas um turno (noite), porém estes ainda trabalham no 2º emprego no período integral (manhã e tarde). Dos participantes que possuem mais de uma ocupação destacam-se: empresário 16,50%; empresário e pedreiro 34%; pedreiro 16,50%; motorista de usina de álcool 16,50% e funcionário público 16,50%. Estes sujeitos em sua maioria proprietários das conduções ambicionam através desta atividade melhores condições de vida.

O stress segundo Oliveira (2007), está presente no cotidiano de qualquer pessoa, como consequência da própria existência humana, mas é da eficiente administração das contingências vitais e de um adequado repertório comportamental de enfrentamento de adversidade ou desafios que depende uma experiência de vida saudável. Como se percebe nas falas dos sujeitos entrevistados, eles conseguem lidar com este stress. As situações estressantes vividas no dia-a-dia de trabalho dos sujeitos relatados foram: trânsito com 69%, alunos com 23% e mexer com gente com 8%.

Dos sujeitos entrevistados 54% disseram que estão nesta profissão porque gostam e por necessidade; 31% disseram que apenas gostam e 15% por necessidade apenas. Desta forma, percebe-se que em sua maioria estão nesta profissão por garantir uma estabilidade financeira e por sentir prazer no que faz, como relata um dos sujeitos “eu gosto do que faço, de estar no meio do povo [...] porque eu escolhi um meio de trabalho, tudo que faço, faço com amor e perfeição e sai bem feito” (35 anos, sexo masculino). Esta profissão também proporciona para os entrevistados situações alegres, de saber que este trabalho duro é também recompensador, dentre as situações podemos destacar: amizades com os alunos 38%, com os colegas de profissão 15%, outras amizades 15%, estar próximo de familiares 9% e gostar do que faz 23%.

Com base nas respostas do questionário, sugere-se que os sujeitos conseguem administrar suas emoções ao possuírem habilidades de se manter sob pressão. Barbosa (2009) e Oliveira (2010) relata que para utilizar essa habilidade, eles têm um repertório bem desenvolvido nessa direção que facilita a manutenção de bons relacionamentos, favorece o sucesso profissional e pessoal, conseguindo com isso obter a auto-regulação.

Conseguem adequadamente através da análise do ambiente identificar as causas das adversidades que enfrentam, bem como, são otimistas pelo modo positivo e confiante de ver as coisas, tem a convicção de que as situações irão melhorar quando envolvidas em adversidade e mantém firme a esperança de um futuro melhor. Para Barbosa (2009) e Oliveira (2010) o otimista tem a habilidade de manter um olhar positivo sem a negação dos aspectos negativos da realidade, tem a consciência de que os resultados não são obtidos gratuitamente e sim, a partir de ações direcionadas e que atitude otimista está muita mais relacionada às ações possíveis, sobre fatores que dependem do sujeito do que sobre aqueles que não podem ser modificados.

São auto-eficazes por serem capazes de desempenhar de forma satisfatória algo que lhe seja solicitado. Os sujeitos acreditam segundo Oliveira (2010) na sua capacidade

de solucionar problemas e obter sucesso. No ambiente de trabalho o senso de auto-eficácia é um significativo diferencial que torna o indivíduo encorajado a dispor de seus recursos pessoais e profissionais, na tentativa de solucionar problemas que emerge no cotidiano. Diante do insucesso em determinada tarefa tendem a aceitar que a estratégia utilizada não foi a melhor e que há outras possibilidades, das quais lançará mão com a finalidade de atingir o resultado desejado. Não há um sentimento de incompetência, impossibilidade de solucionar determinado problema, de forma a paralisar ou deprimir o sujeito.

4 CONCLUSÃO

De modo geral, os participantes eram do sexo masculino, com média de idade de 34,15 anos. Dos entrevistados, 62% relataram terem tido uma boa infância e adolescência. Quando questionados sobre eventos marcantes, 46% relatou sobre morte e doença e 23% sobre dificuldades financeiras, foram tais situações de suas vidas, que tiveram como fonte de superação a religião.

As experiências vividas na infância e a forma como lida com as dificuldades na vida adulta através da calma, persistência, busca de solução, fé e principalmente o bom relacionamento familiar são as bases de resiliência que os participantes têm para superar as adversidades. Também pode-se incluir o fator motivacional, pois além do trabalho suprir suas as necessidades, os participantes gostam do que fazem e ampliam sua rede de relacionamentos interpessoais.

É importante destacar que além dos fatores mencionados acima, descritos por Luthar, Cicheti e Becker (2000) como indicadores de resiliência, os participantes apontam fatores externos, como a fé, para superação das adversidades. É sabido que fatores externos não controláveis podem levar ao fenômeno de desamparo aprendido. Nesse caso, a fé poderia ser considerada uma maneira de lidar com os problemas, uma espécie de apoio proveniente das relações sociais estabelecidas em contexto religioso, que seriam responsáveis pelo desenvolvimento de repertórios de enfrentamento.

REFERÊNCIAS

ASSIS, S. G; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. **Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, G. S. **Resiliência em professores do ensino fundamental de 5ª a 8ª série. Validação e aplicação do “Questionário do índice de resiliência: adulto Reivich – Satté/Barbosa”**. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4198, Acesso em: 10 abr. 2009

BEE, Helen. *O ciclo vital*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GROTBORG, E. H. Introdução: novas tendências em resiliência, in **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

INFANTE, F. A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente, in **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

LUTHAR, S. S.; CICHETTI, D. & BECKER, B. (2000) The construct of resilience: a critical evaluation and guidelines for future work. **Child Development**, 71, (3), 543-562.

MELILLO, A.; ESTAMATTI, M.; CUESTAS, A. Alguns fundamentos psicológicos do conceito de resiliência, in **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

OLIVEIRA, J. B. **Resiliência e controle do stress. em juízes e servidores públicos**. Tese de doutorado. Disponível em: www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=412, Acesso em: 12 jan. 2010.

PAPALIA, D. E. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

RAVAZZOLA, M. C. Resiliência familiares, in **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.